

Glauco Mattoso

VERSOS DANTESCOS



Glauco Mattoso

VERSOS DANTESCOS



Marca de Fantasia
Parahyba, 2022

VERSOS DANTESCOS

Glauco Mattoso

Série Tertúlia, 7. 2022. 63p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
João Pessoa (Parahyba), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

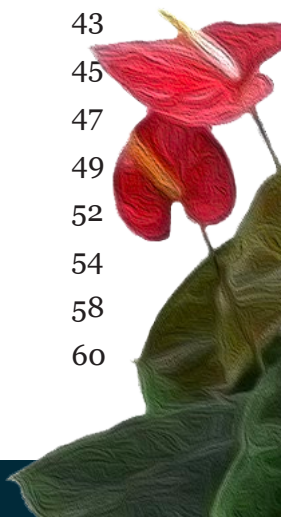
Editor/designer: Henrique Magalhães
Imagem da capa: Divulgação/Internet

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-62-1

Summario

Nota introdutoria	5
1 Rezando os terços certos [2.14]	7
2 Ode ao podio [0051]	10
3 Ode ao desamparo [0052]	12
4 Ode ao suicidio [0055]	14
5 Ode supraconsensual [0058]	16
6 Rhapsodia azevediana de Aluizio [0083]	18
7 Ode autoproclamada [0096]	20
8 Ode vitruviana [0106]	22
9 Ode negativista [0109]	24
10 Ode circunstancial [0121]	26
11 Ode espirita [0154]	30
12 Ode mythomaniaca [0161]	32
13 Ode innumerica [0191]	35
14 Ode pastoral [0199]	37
15 Madrigal inintellectual [0201]	39
16 Gothico flammejante [0213]	41
17 Ode ao diabetico [0231]	43
18 Ode à insomnia [0232]	45
19 Ode ao riso [0233]	47
20 Rhapsodia da cathedral [0262]	49
21 Rhapsodia do microondas [0317]	52
22 Ode ambulatorial [0333]	54
23 Corrente condizente [0371]	58
24 Cordial dialogo [0465]	60



Nota introductoria

Para o commum dos leitores, Dante está associado às allegorias infernaes da DIVINA COMEDIA, mas para os estichologos o modello dantesco está intimamente ligado a uma engenhosa composição baseada no tercetto. Abaixo transcrevo, de meu TRACTADO DE VERSIFICAÇÃO, o que ficou consignado no topico referente a esta modalidade de estrophação.

O poema monostrophico de trez versos é typificado universalmente pelo haikai, mas a estrophe tristicha, conhescida como tercetto, é considerada emquanto componente dum poema maior. O caso mais classico é o da terça-rhyma, immortalizada por Dante na DIVINA COMEDIA: nesse molde os tercettos são dispostos em sequencia rhymatica eschematizada em ABA / BCB / CDC / DED e assim por deante, de forma que o primeiro e o terceiro versos rhymem entre si e com o segundo verso do tercetto anterior. O poema se fecha com uma linha addicionada ao ultimo tercetto e que rhyma com o segundo verso delle. Em termos brasileiros, um exemplo estaria em “Ultima jornada” de Machado de Assis, que termina nestas estrophes:

Lava os olhos na viva aurora pura (A)
Em que vê penetrar, ja longe, aquella (B)
Doce, mimosa, virginal figura. (A)

Assim no campo a timida gazella (B)
Foge e se perde; assim no azul dos mares (C)
Some-se e morre a fugidia vela. (B)

E nada mais se viu fluctuar nos ares; (C)
Que elle, bebendo as lagrymas que chora, (D)
Da noite entrou dos immortaes pesares, (C)
E ella de todo mergulhou na aurora. (D)

Adoptei a terça-rhyma em alguns poemas, dispersos por varios livros e aqui colligidos, mas optei por fechar a estrophação ainda em tercetto e não em quartetto, voltando à rhyma do primeiro verso, reflectida no segundo verso da ultima estrophe. Vez por outra, o experimentalismo excappou tambem desse padrão, como no madrigal “Inintellectual” ou na ode “Ambulatorial”. Thematicamente, não me prendi à tradição classica e variei do escatologico ao eschatologico contexto, mas mantendo o rigor formal mesmo em face do jargão fescennino, de maneira a não decepcionar aquelles leitores fieis ao imaginario delirante dum cego visionario.

Rezando os terços certos [2.14]

Garanto ser verdade! Nos noventa,
assim que totalmente eu ja cegara,
meu guia a um indiano me apresenta.

Ao ver que é masochista a minha tara,
o typo me confirma a informação
que tenho: a um servo o cego se compara.

A ser o que, na India, os cegos são
dispõe-se a me treinar: irei chupal-o
tal como os KAMA SUTRA dão noção.

Me ensigna a lhe engolir, a fundo, o phallo
e apprendo a lingua e labios empregar
com arte, em toda a glande e em todo o thallo.

Aos poucos, seus commandos meu azar
realçam na cegueira. Mentalizo
aquillo que o guru quer acclarar.

Emquanto ganho practica, elle diz o
que devo imaginar. Concomitantes
na mente estão trez ponctos, que emphatizo:

Primeiro, que não sou o que fui antes,
humano ao todo e autonomo. Segundo,
servir devo aos normaes, da vida amantes.

Terceiro, deve a lingua, ao mais immundo
sabor, corresponder com toques taes
que façam quem enxerga amar o mundo.

Em mente os trez eu tenho e, quanto mais
concentro o pensamento, mais a fria
verdade se appresenta ante meus ais.

Durante a fellação, meu mestre via
um filme, si quizesse, mas me diz
que os olhos fecha emquanto se ecstasia.

E explica: “Momentaneo cego eu quiz
ficar mas, desse incommodo, em seguida,
livrei-me, vi de novo e fui feliz!”

“Você, que cego está por toda a vida
futura, os abre appenas mentalmente,
a cada movimento de lambida!”

“Suppõe-se em meu logar, como eu, na mente,
estive em seu naquelle momentinho.
Entende? Minha sorte é diferente!”

Ja nesta oral missão não engattinho.
Tornei-me especialista em chupar, como
qualquer cego indiano... ou veadinho.

E, enquanto eu, cego, amargo como o pomo
devido, um guru sadico aos céus ora
por não tomar na bocca como eu tomo.

Poupado da cegueira, commemora
a graça que recebe, pois da benta
bondade, em qualquer fé, fiquei de fora.

Ode ao podio [0051]

Segundo lugar? Nada representa!
Primeiro elle é dos ultimos, dizia
um desses campeões quaesquer, um penta.

Não era a phrase olympica, na fria
e logica noção de quem compete
com azes. Competir, porem, urgia!

Si a um “second to none” urge que se vete
qualquer “fair play” na vida, que se pode
dizer de quem terceiro é na manchette?

Nas lettras ou no esporte, faz bigode,
cabello e barba alguém que premios ganha.
Quem bronze receber é quem se fode.

Até no Jaboty não é tamanha
a fama do terceiro, muito embora
estar entre dez fosse uma façanha.

Eu mesmo fui terceiro, ja: de fora
fiquei até da photo. Nem carona
na volta descollei àquella hora.

Serviu-me de lição. Quem ambiciona
trophéus e para titulos, só, liga
accaba accommodado na poltrona.

Agora dou banana, faço figa
e fujo de concursos. Sei que venço
aquelles em que ponctos nem consiga.

Nem sempre a toda gloria sou infenso,
comtudo, pois honrou-me esse diploma
que, em quinze, recebi dum clube immenso.

Sou membro, ja, da ACLAME, que me somma
aos bardos nordestinos, pois pertence
aos quadros della alguem que me renoma.

Naquelle pantheão canindeense
não sou primus nem tertius, mas me assenta
tal posto ao sol em solo cearense.

Ode ao desamparo [0052]

Por medo da represa, se evacua,
inteiro, um logarejo. Si rompida,
inunda cada casa, cada rua.

O povo sae às pressas. Deixa a vida
diaria para traz. Algum abrigo
encontram num albergue que os convida.

Mas vejam só que pena! Nem consigo
crer nisso! Um animal que pesa mais
de quinze kilos fica de castigo!

Não pode ir com os donos, ou os “paes”,
siquer um basset hound de trinta e trez
kilinhos! Quem será que ouve seus ais?

Só pode ser um cego, que vocês
suppõem quem seja. Alguem traz o cachorro
à sua casa, alem de outros bassets.

Pequenos cães e gattos teem socorro
appenas pelo peso? Que injustiça!
Por todos eu de amores aqui morro!

Mas deixe estar! Provado que inteiriça
esteja a tal represa, ter regresso
às casas o povão logo cobiça!

De volta a cria querem? Pois impeço
que levem o basset, que é meu, agora!
Irei, por elle, à lucta, mas me estresso!

Si os “donos” o resgatam, quem ja chora
é o cego, que sozinho continua,
saudoso de outro amor que foi embora...

Ode ao suicidio [0055]

Qualquer problema é grave caso tema
morrer quem delle augmenta a gravidade.
Peor é nada: a vida é que é o problema.

Questão abro: da vida quem se evade
será por desespero ou covardia?
Quem tira a propria vida foi covarde?

Que antithese! Não dizem, todavia,
que para alguém mactar-se ter coragem
é tudo de que, emfim, precisaria?

Por que será que aquelles que assim agem
costumam nos deixar alguma charta?
Só querem nos negar que foi bobagem?

Nenhuma explicação alguém que parta
consegue dar àquelle que aqui fica,
pois cada qual alheios ais descharta.

Appenas valerá a maccabra dica
si aquelle que tirar a propria vida
por drama algum jamais se mortifica.

Insisto neste poncto. O suicida
tem sempre que ter sido um infeliz?
Não pode ser alguém que nos convida?

Eu mesmo sou aquelle que assim diz:
Nem só por ter problemas vae a gente
mactar-se, pois morrer eu sempre quiz!

Quiz isso quando cego totalmente
fiquei, quando não tive mais amigo,
ou quando de outros males fui doente.

Mas quiz, tambem, agora que o castigo
perpetuo que soffro perde effeito
e para as trevas tanto ja nem ligo.

Tambem o quiz depois de ja ter feito
sonnetto por milhar, madrigal, ode,
tal como neste ensejo que aproveito.

Ou quiz quando os componho, si me accode
o lyrico lampejo, novo até,
no molde ou num assumpto que incommode.

Emfim, quero morrer por ter a fé
de estar só de passagem nesta chata
vidinha que tão má não foi nem é.

Não é fanfarronice nem bravata.
Fallei ja, num sonnetto sobre o thema,
que só derropta a morte quem se macta.

Ode supraconsensual [0058]

Pondé, theorizando, pisa num
sensível callo sadomasochista:
Ninguém mais quer cegar um preto assum!

Por mais que um actor sadico se vista
de couro, use pesadas botas, faça
papel de impiedoso, só despista!

Coragem, mesmo, falta-lhe e, assim, graça
perdendo vae a scena, pois ninguém
batter quer mais! Caralho! Que se passa?

Masocas nunca faltam, mas se tem
receio das patrulhas do correcto,
das queixas de “maus tractos”, nhem nhem nhem...

“Baunilha” não: “Nutella”! Vae directo
ao poncto o pensador que, em tom bem cru,
attacca quem acceita tanto veto!

Pensando bem, mandar tomar no cu
nos manda a maioria! Que se doa
o proximo queremos: “Eu, não! Tu!”

Em summa: sempre sadica a pessoa
humana foi, em sua maioria!
Masocas poucos entram na canoa!

Então não era o caso de ser fria
a nossa conclusão? Nosso desejo,
na practica, viavel não seria?

Foi sempre repressora, como a vejo,
a nossa sociedade! Mas limite
expande-se! Deixemos de ter pejo!

Ainda que um IBAMA clame e grite
por causa dum assum, alguém o cega
e exige que o cantor divirta a elite!

O sadomasochismo jamais brega
será! Cruel jamais a gente deixa
de ser, de rir si um Christo a cruz carrega!

Portanto, o masochista que se queixa
da falta de carrascos não se afflija!
Achar vae no manjar a preta ameixa!

Mais dia, menos dia, a rolla rija
imperá do mais forte e, do masoca,
a aberta bocca achar vae quem lhe mija!

Razão dou a Pondé, mas quem colloca
seu olho num logar menos commum
com chatos e caretas nem se toca!

Rhapsodia azevediana de Aluizio [0083]

Amancio soffre, em *Casa de pensão*,
um rude e gruppal bullying, quando em classe
brigou, e o professor deu permissão.

Collegas o agarraram e na face
cuspiram-lhe. Xingada foi a sua
mãezinha, sem que a offensa revidasse.

A mãe, de facto, o mima. Se attribua
a isso uma implicancia contra si.
Mais vezes topa a turma que o accua.

Um dia, Amancio cresce e sae dalli
de casa, rhumo à Corte, desde o Norte.
Addeus deu à rale que delle ri.

É quando desenvolve um chulé forte,
sentido na republica em que mal
se hospeda, sem mãezinha que o conforto.

Suadas, suas meias dão signal
do cheiro ja de longe. Qual collega
iria supportar odor equal?

Appenas um, na ausencia delle, exfrega
a meia no nariz e se masturba.
Até que Amancio, em flagra, emfim o pega.

Agora quem bullyinga, em vez da turba,
é elle. O fetichista ja se obriga,
submisso, a lhe lambe o que o perturba.

Botinas descalçadas, quem consiga
metter na sola a lingua será raro,
mas cede o masochista aos pés sem briga.

Amancio então percebe que alguns faro
teem para seu chulé, formando excolta
fiel e afficcionada, e cobra caro.

Conclusa a faculdade, Amancio volta
à casa da mamãe e se recorda
daquelle que o lambeu. Suspiros solta.

Não tarda, reencontra quem dá chorda
àquelle assumpto: adulto, falla agora
com elle um dos que estavam na hostile horda.

Então, Amancio vinga-se. Lhe implora
o novo escravo pelo chulezão
e paga, até, pois cobra elle por hora.

Ode autoproclamada [0096]

Ser autoproclamado presidente
qualquer um pode! Aquillo que eu proclamo
tão facil não consegue ser a gente!

Exemplo: quando quero ser um amo
escravo nenhum tenho e chupo o dedo.
Si escravo sou, me frustro e em nada mammo.

Si escolho um nobre titulo e concedo
a mim mesmo a medalha de Marquez,
dirão que outro “Divino” o foi, mais cedo.

Si, desde que honraria ninguem fez
ao cego sonnettista, eu mesmo a faço,
dirão que esperar devo a minha vez.

Si canone, no metro ou no compasso
da lyra, reivindico, um despeitado
qualquer no pantheão me barra o passo.

Si vaga a Academia tem barrado
aos cegos e pretendo uma cadeira,
me poda da eleição o resultado.

Recorde sonnettista, caso eu queira
no Guinness conseguir, dizer ja vão
que a vez não poderá ser brasileira.

Si quero me julgar rei do calão,
dizer que, em palavrão, outro ja fode
melhor a poesia, logo irão.

Emfim, si nada disso um cego pode,
restar me vae somente que eu sustente
que pode este poema aqui ser ode!

Ode vitruviana [0106]

O pé que Leonardo desenhara
teria a proporção do ser humano
perfeito, em anatomica cor clara.

Mas, quando deste thema a fonte explano,
confundo-me em terreno controverso,
com nomes que commettem grande enganno.

Exemplo é o pé «romano», sempre immerso
em duvida com outro, “egypcio”, cujo
dedão é mais comprido que este verso.

Convicto, da polemica não fujo,
nem quando o pé «quadrado» se intromette,
artelhos nivelando num pé sujo.

Consenso só num nome apponcta a enquete:
pé “grego”, cujo dedo grande é curto
e perde si, em centimetros, compete.

O dedo “indicador”, no grego, eu surto
si vejo que se allonga, comparado
ao hallux, e a medil-o não me furto.

Medil-o com a lingua, não me evado
de, emphatico, dizer, ja que meu tacto
será, no paladar, mais appurado.

Da Vinci convenceu-me e, então, constato
que o pé que mais pisou na minha cara
não só foi grego, como foi bem chato.

Ode negativista [0109]

Que sou discriminado, disso sei
bastante, mas notei ser, nesta vida,
mais mesmo como cego do que gay.

Me negam, como cego, a merecida
cadeira numa casa em que, aos quarenta
collegas, incommoda que eu resida.

Me nega, como cego, o que me assenta,
nos canones de historia litteraria,
a critica academica, avarenta.

Me negam, como cego ou como pariah,
a minima passagem na calçada
tomada pela claque partidaria.

Me negam, como cego que mais nada
espera dos amigos, um convite
siquer para a animada churrascada.

Me negam, como cego, que eu me irrite
si meu logar na fila alguem occupa
ou quando me degrada alguem de elite.

Me negam, como cego, na garuppa
até dos litterarios festivaes,
espaço, si não leio nem com lupa.

Me negam, como cego, que meus ais
escute quem prepara anthologia
poetica de meros marginaes.

Me nega, como cego, o que eu queria
comer, salgado ou doce, esse doutor
que mede minha altinha glycemia.

Me nega, como cego, um só favor
que eu peça, aquelle joven que chulé
tem forte e nariz nelle quero pôr.

Me nega, à minha cega bocca, até
quem minhas cervas bebe e mija à bessa,
seu proprio mijo... e timido nem é!

Nos nove fora, appenas interessa
que soropositivo não serei.
Pudera! Me faltava só mais essa!

Ode circunstancial [0121]

Ode optimo formato pode dar,
si a lyrica, de Apollo ou Dionyso,
lembrar um movimento circular.

Um circulo formato tem preciso
si lembra a silhueta dum planeta
visivel, que reflecte este em que eu piso.

A Terra lembra a crença, antes, a peta
que expalha quem pretende vel-a plana
em vez dum porte espherico “careta”.

Planura lembra campo e, ao longe, enganna
a vista, si a montanha mais distante
tamanho tem menor que uma cabana.

Cabana lembra um bardo que, a sós, cante
romanticas serestas para a lua,
saudoso dum amigo ou... duma amante.

Saudade lembra alguem que continua
presente em nossa mente, mesmo appós
a morte, sem que um outro o substitua.

A morte lembra nossos paes, avós,
e lembra que estaremos, qualquer dia,
com elles nuns, dos Judas, cafundós.

O Judas lembra as botas que perdia,
mas nunca a andar descalço alguém o vira
e achal-as, ninguém acha, todavia.

As botas lembram thema que, na lyra
não entra dum poeta apaixonado,
a menos que fetiches taes prefira.

Paixão relembra scenas do passado,
passagens duma triste meninice
masoca, a depender sempre dum sado.

Menino lembra alguém que, rindo, disse
ao outro, que era quasi cego, ja:
“Me chupa!” Natural que disse risse!

Cegueira lembra alguém que perderá
aquillo que, no sonho, volta: a cor.
A cor lembra a politica, si é má.

Perder lembra ganhar, e vencedor
nos lembra alguém que cospe e tira sarro
em cyma do vencido ou do eleitor.

Cuspida lembra ranho, lembra excarro
e excarro lembra alguém cuja sahude
ruim é como a minha: nem lhes narro!

Sahude lembra medico, um que allude
samente aos bons eifeitos da dieta,
embora, no que eu coma, nada mude.

Comer nos lembra a mesa que, repleta
de doces e salgados, me convida
à gula, a ver si nada alli me affecta.

Sabores lembram algo, na comida,
que a torna palatavel: o tempero.
Tempero algo piccante põe na vida.

Pigmenta lembra a lingua, cujo exmero
está na lambeção mais sensual
das partes onde o cheiro é um exaggero.

Olfacto lembra a practica nasal
capaz de perceber quem toma banho
diario, semanal, até mensal.

Folhinha lembra o tempo que eu não ganho
si fico sem compor algum poema
e perco si dou trella a algum extranho.

Conversa molle lembra quem problema
nos traga, não bastasse o que ja temos.
Problema lembra medo, caso eu tema.

O medo nos remette a nossos demos,
phantasmas dos peores pesadellos,
nos leva a commetter actos extremos.

Terror lembra arrepio nos cabelos.
Cabello lembra barba, a do vizinho,
que, quando queima, allerta nossos zelos.

Vizinho lembra alguém que, eu já adivinho,
barulho faz. Fez barba, faz bigode.
Bem alto, toca funk em rollezinho!

A musica nos lembra alguém que pode
pôr letra sobre as notas ou cantar,
appenas por escripto, o que é, pois, ode.

II

Ode espirita [0154]

Meu pae foi kardecista, mas eu não
segui seus passos numa só chartilha.
Eclectica foi minha formação.

Amigos me suggerem que partilha
meu ego um basset hound, ja que rasteiro
me vejo como parte da mattilha.

Chulés farejo, como o perdigueiro,
no pello que esse cheiro de morrinha
exhala quando, entre elles, eu me exgueiro.

Talvez o mysticismo explique minha
estima por bassets. Devo ter sido,
em outra encarnação, um dessa linha.

Que sou cachorro agora não duvido,
pois solas lambo, fetidas, nos mais
diversos pés que excitam a libido.

Treinado fui por donos de animaes
em vidas que passaram. Ja se explica,
portanto, que aqui lattam os meus ais.

Cachorros, porem, lambem uma picca,
não chupam. Si chupar tão bem eu sei,
será por causa duma antiga dica.

Bezerro remammado todo gay
se julga, mas, no caso, a fellação
deriva, com certeza, da astral lei.

Ode mythomaniaca [0161]

Mentir, todos mentimos. Não admira
que exista na folhinha aquelle dia
unanime que damos à mentira.

Negar, todos negamos, é mania.
Políticos, si pegos em flagrante,
allegam innocencia. Alguem confia?

Porem, no dia a dia, quem garante
que algum de nós, na practica, não mente?
Vejamus uns exemplos, doradvante.

Dizemos “Tá servido?» si, na frente
dos outros, nós comemos. “Bom proveito!” –
Respondem, mas servir-se quer a gente.

“Estou incommodando?” Quem, com jeito,
pergunta tem certeza que incommoda.
“Magina!” respondemos, por respeito.

“Foi bom, meu bem?” pergunta quem na foda
fracassa. “Porra, nunca acconteceu
commigo!” Outra resposta que é da moda.

Peidaram. Como fede! “Não fui eu!”
Alguem, ao protestar, logo se accusa.
“É feio peidar!” disse o phariseu.

“Poetas não se inspiram! Não ha musa!” –
Affirma quem transspira sem successo.
Mas todo auctor fallou que sua a blusa.

“Café não tomo! Só si for espresso!”
Mas toma, a sós em casa, aquelle pó
soluvel. Ja tomei, mas não confesso.

“Eu mesma fiz!” – “Paresce da vovó!»
Assim mentem commadres entre si.
O bollo de fubá foi de dar dó.

Da pessima piada ninguem ri,
mas fingem achar graça só sorrindo.
Quem conta pensa: “Porra! Me fodi!”

Do nosso bebê dizem: “Ai, que lindo!”
Do proprio pensam: “Pena que não é
tão lindo! Mais seria si bemvindo...”

Tiraram o sapato. Que chulé!
Emquanto o cego, soffrego, fareja,
alli se fazem todos de Migué.

Um crime, caso alguem tudinho veja,
que nada viu affirma. Quando quer
gabar-se da visão, ella sobeja.

O cego diz igual ser a qualquer
normal pessoa. Pensa, a sós comsigo:
“Mas vejo-me inferior! Si alguém souber...”

Pensei, quando ceguei, que algum amigo
ainda conservasse, mas, affora
meu cão, todos disseram: “Foi castigo!”

Embora chegue à beira da penhora,
ninguém diz que as acções dão prejuizo.
Até mais lucro dizem ter agora.

Fodeu-se quem obstenta algum sorriso.
“Onde é que eu admarrei, caralho, o jegue!” –
Pensou, mas finge estar no paraiso.

Talvez a conclusão que ninguém negue
me seja favoravel, pois na lyra
a gente irá fingir, quando consegue.

Ode innumerica [0191]

Em ode kabbalistica, por um
começa a nossa formula. Depois
espero que resulte em deca algum.

É falso o dualismo? Por que dois
extremos, ou oppostos, si trez fez
um Dante, para darmos nome aos bois?

Santissima Trindade? Si são trez
os deuses, transformemos em theatro
o templo, Baccho ouçamos duma vez!

Quartettos são perfeitos? Mas si quattro
quizermos, sem effeito fica o affinco
e inutil esta estrophe, este obrar atro!

Menor a redondilha? Si só cinco
as syllabas num verso eu medir, eis
que perco um decasyllabo, outro brinco!

Sextilhas não são nobres? Mas teem seis
versinhos os chordeis, que ja confetti
merescem, si mais justas são as leis!

Septilhas também valem? Versos septe
se incluem num folheto! Foi affeito
quem disse haver auctor que a compta vetel!

Oitavas teem tom epico? Mas oito
eu uso até na satyra! Me prove
alguem que, em oito, é feio o gozo e o coito!

Dos nove pedem prova? Ponho nove
num verso, syllabando com trez pés,
si quero que o formato se renove!

Mas, sendo franco, optei mesmo por dez
comptadas syllabinhas no commum
e mero deca, desse estro ao invés!

Ode pastoral [0199]

Pastor eu sou! Pedir vou a Jesus
que extenda seu amor e seu perdão,
que a todos os irmãos conceda a luz!

Jesus é piedoso! O coração
tem grande e nelle cabe o pobre, o rico,
os limpos e os que limpos não estão!

Por isso com Jesus me identifico!
Tambem sou tolerante com quem faça
excolhas que reprovoo ou que critico!

Tolero até o politico que abraça
corruptos e ladrões! Só não tolero
os gays, essa tão torpe e suja raça!

Expalham peste e vicio! Como Nero
não chego a ser! Porem que devam acho
soffrer castigo celere e severo!

Proponho que, perante o populacho,
se enterre o gay, expondo só a cabeça
ao nivel do terreno, aos pés dum macho!

Será pisoteado! Que padesça
bem, antes de morrer! Appedrejado
tambem será, sim, antes que me exquesça!

Irmãos, vocês verão! O resultado
será sensacional! Jamais seus cus
darão os que me chamam de veado!

Madrigal inintellectual [0201]

Será que necessito ser doutor
sem algo para a alguém tanto me impor
a poncto de provar o meu valor?

Depende. Professor si eu quizer ser
terei que graduar-me num assumpto,
a menos que eu leccione poesia.

Querendo scientistista ser, dever
terei de muitos tractos ao bestunto
dar para a coisa, a menos que eu sorria.

Si for economista, meu poder
só vale quando muita grana adjuncto,
a menos que eu só falle em theoria.

Si padre eu for, meu verbo vae valer
depois que reparei nalgum defuncto
sorrindo da fugaz theologia.

Politico si for, me defender
irei caso responda ao que pergunto
eu mesmo da mendaz democracia.

Gastronomo que seja, vou comer
sanduba só de queijo com presunto
suppondo não ser simples iguaria.

Poeta sendo, sinto ja não ver
que estou aqui sozinho, tendo juncto
commigo todo mundo, todo dia.

Gothico flammejante [0213]

Trez videos eu guardei. Trez versões são,
contando do corcunda aquella saga
romantica que ocorre em Notre Dame.

O gothico me empolga. As chammaas não
serão nada que estraga nem appaga
um quadro que não vejo quem não ame.

Nos gargulas obscena posição
da bocca ja não vejo. Ja não paga
boquette quem christão quer que se chame.

Rosacea, arcobotante, ogival vão...
Catholico nem sendo, como adaga
me fere esse incidente. Exige exame.

Na Biblia, na Torah nem no Corão
não ha, nem pode haver nenhuma praga
que explique um attemptado tão infame.

À parte o terrorismo, um predio tão
historico missão tão aziaga
não pode ter sem disso quem reclame.

Si fosse no Brazil, a appuração
seria dalgum typo que não traga
nenhuma conclusão ao rame-rame.

Aqui, museu nós tínhamos. Questão
nem faz hoje quem mente e só divaga
accerca dos motivos do vexame.

Na Sé, como em Westminster, num clarão
as cores dos vitraes idéa vaga
me deram. Notre Dame que se affame!

Ode ao diabetico [0231]

Não basta a glycemia que tu meças.
Tambem os triglycerides tu deves
olhar. E medições do typo dessas.

Não basta dos assucares mais leves
privar teu torturado paladar.
De fome tu farás mil outras greves.

Não basta que tu fiques sem manjar
de coco com ameixa preta. Vaes
sem gnocchi com almondegas ficar.

Não basta que não bebas as banaes
gazosas: sodas, cocas, guaraná.
Nem vinho poderás beber jamais.

Não basta ja sem bollos que tu vas
ficar. Sem pães tambem, nessa dieta,
terás que ficar. Fome passarás.

Não basta que tu passes fome. Veta
teu medico que peses o que ja
pesaste e te imporá mais uma meta.

Não basta que teu musculo, si está
ja fino, se dilua até sumir.
Remedio tomarás que dores dá.

Não basta que te tornes um fakir
de magro. Que contraias pneumonia
tambem tu necessitas assumir.

Não basta que te internes numa fria
e pobre enfermaria. Tua sorte
peor vae se tornando, dia a dia.

Não basta que ja proximo da morte
estejas, pois dor outra vaes soffrer:
a dor na consciencia, aguda, forte.

Não basta que te prives do prazer.
Terás que concluir que inutil era
aquillo que tomaste por dever.

Não basta concluir que essa severa
dieta piorou a qualidade
da tua vida. Assim, um pouco espera!

Não era preferivel, alguém ha de
dizer, correres risco mas, às pressas,
fartar-te de comer o que te agrada?

Ode à insomnia [0232]

Ao velho therapeuta alguém indaga:
“Doutor, estou sem somno! Que eu devia tomar para dar cabo dessa praga?”

Com riso de cabível ironia,
àquella debil, tímida pergunta
o Flavio Gikovate respondia:

“Não tome nada. Tanta coisa juncta
já temos, precisando duma droga...
Ainda de mais uma a gente assumpta?”

“Nem droga, nem bebida, sequer yoga.
Não dorme? Pois não durma! A gente pega
no somno quando, exausto, o corpo roga...”

Eu era preocupado, na refrega
travada contra a trágica vigília,
com essa privação, na phase cega.

Ouvindo o Gikovate, já não pilha
meus nervos o temor de, não em claro,
porem no breu, soffrer nesta armadilha.

Agora, já mais calmo, bem reparo
que nunca de seis horas precisei,
pois tiro meu cochilo, mesmo raro.

Depois do almoço, às vezes. Não é lei.
Às vezes à tardinha. Posso até
dormir na madrugada. Até sonhei.

Sonhei, quasi morgando, com um pé
pisando em minha cara, de repente.
Nem sempre nosso sonho tão mau é.

Sonhar que vejo cores é frequente.
Difícil é voltar às trevas, quando
acordo numa noite triste e quente.

Insomne, estou tranquillo. Vou levando
a vida assim, usando o tempo para
fallar dum outro thema, mais nefando.

Um somno mais profundo se compara
à morte. Quando a lyra assim divaga,
decide insomne e viva ser. Tomara!

Ode ao riso [0233]

Te ris si tens tesão do typo deste,
fodendo dum cegueta a bocca muda
e cuja bunda ainda nem comeste.

Te ris si, mendigando, pede adjuda
o pobre que, outro dia, rico viste,
pois viste não haver ninguem que accuda.

Te ris si, pela rua, não existe
ninguem que adjuda à pobre velha preste,
pois vêes que, ao se quebrar, ficou mais triste.

Te ris si uma rasteira, facil, deste
no joven que, alleijado, de muleta
caminha, a convidar quem o moleste.

Te ris si, mesmo que este não se metta
contigo, o jogas onde podre esteja
a aguinha accumulada na sargeta.

Te ris si, mesmo quando não te veja
aquelle visual deficiente,
tu cospes nelle em frente à propria egreja.

Te ris si no cu fodes, finalmente,
até porque na bocca ja fodeste,
um cego que fodido ja se sente.

Rhapsodia da cathedral [0262]

Sonhei qu'inda visão tinha bastante
Se, quando no mosteiro de São Bento
estava a meditar, me abordou Dante.

Surpreso, perguntei-lhe: – Em que momento
vieste para Sampa? Que te attrae
aqui? Que te inspirou? Eu não attento...

E Dante cochichou-me: “Ninguem vae
crer, caso em ode contes. Vem commigo.
Mostrar-te vou um tunnel e onde sae...”

Descemos ao subsolo. Mal consigo
conter-me. Percorremos a passagem
que leva a mais um predio sacro, antigo.

Chegamos. Vejo gothica miragem.
Estamos numa crypta que dá accesso
a multiplos degraus que me coagem.

Subimos. Cansativo foi, confesso.
Emfim, luz vemos, vinda de ogival
portinha. Que me explique, então, lhe peço.

“Estamos bem na torre. Vede! Igual a Notre Dame, Glauco! Sim, da Sé estás na paulistana cathedral!”

Mal pude acreditar. Cheguei até a gargulas notar, que nunca vira da rua. Que existissem nem fiz fé...

Tambem arcobotantes de mentira não eram, pois sob elles caminhamos até chegar à cupula, que gyra.

A volta damos nella. Logo achamos degraus que ao topo levam. Na cappella que alli faz poncta findam meus reclamos.

Sem follego, me sento. Refestela a bunda tambem Dante e me appresenta a alguem que pelo petreo predio zela.

Um ogre vivo, um gargula, de attenta botuca, torta bocca, nariz feito um gancho. Maus intentos apparenta.

A Dante, então, dirijo-me com jeito.
– Que vim fazer aqui? Por que me trazes?
Responde elle: “Te lembrás de teu pleito?”

– Que pleito? Não me lembro... “Nos rapazes buscavas feios pés. Ou não buscavas?
Pois bem! Estes farão com que te abbrazes!”

Lembrei-me então das taras mais escravas
que tanto cultivei. Notei, emfim,
que os pés do ogre eram como chatas clavadas.

A sós deixou-nos Dante. Para mim
olhando, o ogre sorriu. Entendi tudo.
Não foi o pesadelo tão ruim...

Que explica a cathedral? Responde, mudo,
o gargula, de quem sou, doradvante,
escravo: orei ao demo mais grahudo.

Rhapsodia do microondas [0317]

Eu era de menores monitor.
Lotado num presídio carioca,
provei da violência meu sabor.

Quem sabe dessa scena nem se choca.
Appós ver fracassado o seu motim,
vae dar a molecada a curra em troca.

Voltando para casa quando vim,
fui por algum pivete, fatalmente,
reconhecido. Quasi foi meu fim.

Rendido, da pistola ja na frente,
levado fui ao morro pelo gruppo
daquelle vingativo delinquente.

Em meio a muito riso, vaia, apupo,
aptado estive em arvore e, sacando
o sarro, fui pedindo: “Não! Não chupo!”

Chupei, comtudo, ouvindo-lhe o commando,
levando tapa, murro, cusparada
de todo o jovial e bruto bando.

Chupei, sim, o sebento pau de cada moleque da favella, pois meu medo ver era a minha pelle ser queimada.

No morro, o “microondas” era, a dedo, o methodo mortal de execução, por isso, sem vacillo, a bocca eu cedo.

Imploro que, na pilha de pneus, não me mettam, não me queimem devagar, servindo da platéa à diversão.

Somente quando o chefe auctorizar se macta alguém assim. O joven liga e pede permissão, no cellular.

O chefe não permite, pois amiga uma alma pena teve e me poupou de martyr virar, tanto que fiz figa.

Queimado não morri, mas o meu show vazou nos cellulares. Chupador virei, viralizei. Queimado estou.

Ode ambulatorial [0333]

(para Loudon Wainwright, meu idolo no folk rock)

Ao medico vou. Elle diz: “Menino, quietinho fique, enquanto eu examino! Eu acho que não deve ser problema...”

Ao medico vou. Elle diz: “Meu joven, coisinhas desse typo se removem! Não fique preocupado! Não exprema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Moleque, melhor é que tão duro não defeque, sinão vae complicar todo o systema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Garoto, você não vae perder o seu escroto! Pensou que é fim do mundo um apostema?”

Ao medico vou. Elle diz: “Pirralho, você não vae perder o seu caralho, mas nunca mais o prenda com algema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Rapaz, eu acho que você tem muito gaz ainda! Falta, aos poucos, mas não tema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Seu moço,
será bem reduzido o seu almosso!
Retorne à minha clinica em Moema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Meu filho,
vae tudo bem, não vejo um empecilho
maior, mas volte, cuide desse edema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Irmão,
problemas de sahude communs são!
Jamais desistir, sempre foi meu lemma!”

Ao medico vou. Elle diz: “Amigo,
depois do seu exame é que eu me intrigo,
mas jeito dá, não pense que é um dilemma!”

Ao medico vou. Elle diz: “Parceiro,
seu drama até que é caso costumeiro!
Nenhum mal faz o leite, nem a gemma!”

Ao medico vou. Elle diz: “Não, mano!
Tão serio não parece ser o damno!
P’ra tudo tem a gente estratagemma!”

Ao medico vou. Elle diz: “Querido,
Não creio que será tão dolorido!
Doendo, bastará um telephonema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Meu chapa,
não tema, porque desta você excappa!
Motivo não será para que trema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Meu caro,
olhando o seu exame é que eu reparo
que pode ser mais grave esse emphysema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Patrão,
não fique no local passando a mão!
Assim ninguem resolve um erythema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Cumpade,
do caso ja advisei da gravidade!
Porem contra a corrente você rema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Collega,
é tanta anomalia que se pega!
Nem queira saber dessa mais extrema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Você
ficou chocado? Credito não dê
às coisas que você vê no cinema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Senhor,
provoca, sim, a droga alguma dor,
mas nada que tão alto o senhor gema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Não, thio,
tão grave não será, pois eu confio
que nada vae furar o meu esquema!”

Ao medico vou. Elle diz: “Poeta,
percebo que você não faz dieta!
Verdade é o que contou no seu poema?”

Ao medico vou. Elle diz: “Ceguinho,
eu acho que não resta algum caminho
mais facil neste nosso duro thema!”

Ao medico vou. Elle diz assim:
“Não chore! Tudo sempre tem um fim!
Do corpo nada fica! A gente crema!”

Corrente condizente [0371]

Mulheres são luxentas quando bellas.
As bellas são beijadas pelos bellos
rapazes que, felizes, gostam dellas.

Os bellos, que são pallidos, branquellos,
chupados são por negras que, mais feias,
são putas, são escravas nesses elos.

As negras são amadas, nas cadeias
da sadica corrente, pelos feios
mulatos que, na bocca, as deixam cheias.

Os brancos, quando feios, não alheios
estão dessa cadeia, pois chupados
serão por outros feios, sem mais freios.

Aquelles bem mais feios, rejeitados
por todas e por todos, negros, brancos,
serão por quem chupados, hem, coitados?

Nem mesmo os putos velhos, gordos, mancos,
jamais os chuparão. Então, quem resta?
Quem cumpre tal tarefa, aguenta o tranco?

É fácil responder. Fazem a festa
taes feios com um cego que, submisso,
excolha não terá: para tal presta.

Eu mesmo um testemunho vou dar disso,
pois feios ja chupei sem que soubesse
e, claro, caprichei nesse serviço.

Sabendo fico quando alguém fornesce
alguma descrição do tal sujeito
que visto foi commigo. Quem exquesce?

“Não, Glauco! Como pode? Não aceito
crer nisso! O cara muito horrível é!
Chupar um typo desses é proveito?”

E eu digo: “Chupo mesmo, bote fé!
Alem de lhe chupar o pau, me excito
lambendo-lhe o pezão, pois tem chulé!”

Entendem os amigos meu maldicto
destino, então, e encaram as mazellas
do cego como, em verso, tenho escripto.

Cordial dialogo [0465]

{Ahi, ceguinho! Como vae? Está difficil de ir levando? Tem soffrido bastante? Já ficou mais conformado?}

Bom dia, japonez! O senhor ja está se accostumando por ter ido a sua esposa longe do seu lado?

{Estou. E nem me importo que ella va ficar la no Japão. Minha libido é que tanto não tem disso gostado...}

Aqui p'ra nós, senhor: o cego ca lhe pode ser bem util, sem ruido, sem nada que perigue ser vazado.

{É mesmo, cego? O que me quererá dizer você? Talvez, si me decido, você me chuparia de bom grado?}

Sem duvida, senhor! Pois nada má é minha bocca para que eu, fodido, lhe engula a cabeçorra do cajado!

{Então tá combinado! Venha la
em casa à noite e deixe que eu, mettido
na sua bocca, goze, seu veado!}

Fechado. Nada cobro, nem será
preciso dizer, sendo reduzido àquillo
que me cabe, em meu estado.

Glauco Mattoso

Pedro José Ferreira da Silva, conhecido como Glauco Mattoso, nasceu em São Paulo em 1951. Estudou no curso de Letras da Universidade de São Paulo, mas não concluiu. Colaborou com vários órgãos de imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro entre as décadas de 1970 e 1990, a exemplo de *Chiclete com Banana*, *Jornal da Tarde*, *Pasquim* e *34 Letras*.

Fez parte do grupo de poetas “marginais”, publicando livros alternativos e fanzines. Com Nilto Maciel organizou em 1977 o livro *Queda de Braço: uma antologia do conto marginal*. O *Jornal Dobrabil*, lançado em 1981, reuniu seus volantes poéticos, que circularam entre 1977 e 1981. Para a editora Brasiliense escreveu *O que é poesia marginal*, para a coleção Primeiros passos.

O site “Escritas.org” afirma que, “considerado uma das vozes mais fesceninas da poesia brasileira contemporânea, o poeta, herdeiro de Gregório de Mattos e Bocage, é sempre lembrado pelo uso de linguagem obscena, satírica, por vezes chula. Sua trajetória poética abrange dos poemas concretos, visuais, da primeira fase, aos sonetos camonianos de *Centopéia: sonetos nojentos & quejandos* (1991) e haicais de *Haicais paulistanos* (1992)”.



